

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal de Brasília*

Class.: 298

Data: 03.09.87

Pg.:

Os grandes mudos da História

Marcos Terena

190

"Quem me dera ao menos uma vez,
que o mais simples fosse
visto como o mais importante
mas nos deram espelhos
e vimos um mundo doente

.....
mas nos deram espelhos e
vimos um mundo doente
tentei chorar e não consegui"

(Renato Russo) - No dia 15 de novembro de 1968, após mais de cem dias de incansável perseguição, finalmente os índios Krenakarore, conhecidos como índios gigantes, foram contactados para se tornarem civilizados". Dois anos depois, daquelas 600 pessoas que formavam aquele povo restavam apenas sessenta.

Em pleno processo de redemocratização do nosso Brasil, a Assembléia Nacional Constituinte não conseguiu comportar dentro de si, o primeiro homem do nosso País.

Chamado por uns de "selvagem", "preguiçoso" por outros, tem sido motivo de polêmica entre os estudiosos das leis jurídicas, sagradas e de informação, uma vez que por uma população de apenas 2/100 da população nacional não são merecidas dos direitos que pleiteiam: a demarcação de suas terras originais.

Quando os estrangeiros chegaram ao continente aborígene, havia aqui cerca de 900 povos, hoje reduzidos a menos de 180.

Esse massacre social dos povos indígenas foi feito sempre com o objetivo de tornar o indígena um cidadão brasileiro, um homem civilizado, um homem cristão. Junto aos povos indígenas, que na verdade representam sociedades distintas, o povo brasileiro, a Nação brasileira, vive ainda nos dias atuais sob a tutela dos estrangeiros, principalmente do Fundo Monetário Internacional. A soberania nacional, o orgulho nacional têm se traduzido, na prática, por conquistas esportivas de nossos atletas, como o mais recente exemplo o basquetebol. Fora isso, tudo não passa de discursos tão comuns aos demagogos.

Hoje, os povos indígenas assistem atônitos a uma secular desavença entre a Igreja e o Estado. Os 220 mil índios brasileiros estão entre a Cruz e a Espada.

Na sombra da cruz, os fiéis da Igreja Protestante e da Igreja Católica — que resumem suas manifestações de fé aos cultos de domingo, comportamento este sistematicamente combatido por Jesus Cristo — deveriam se lembrar que os povos indígenas também têm seus cultos, realizados a cada momento em respeito ao Criador de todos e de tudo o que há nas matas, nos rios e nos céus.

Na sombra da espada, podemos enxergar nitidamente os anseios colonizadores de quem há muito, com o argumento de soberania nacional, tem servido como testa-



de ferro das grandes empresas estrangeiras do computador, das madeiras e das mineradoras.

Ao defender a demarcação de suas terras, nós, os indígenas, na verdade estamos anteendo o futuro de nosso próprio País, do povo brasileiro, tanto do nato como daqueles que encontraram nessas terras indígenas, o aconchego que jamais encontrariam em suas terras, tais como os Maluf, os Geisel, os Ueki, os Recarey, e tantos outros que não querem e jamais voltariam para suas terras de origem.

Enquanto isso, o Zé Brasil da vida, vivendo heroicamente do salário mínimo, vai naufragando, morrendo na praia.

Os povos indígenas não têm nenhuma culpa nessa briga de branco entre ideologias divergentes. Os povos indígenas não são culpados pela miséria do Nordeste, do favelado ou do desempregado. Os povos indígenas estão lutando exatamente hoje pelo que é seu, para não verem, amanhã, seus filhos pedindo um pouco de comida, pedindo esmola na periferia das cidades, assaltando pela von-

tade de matar a fome.

Os povos indígenas não podem ver agora, por imposição do sistema colonizador de fora do Brasil, suas aldeias sendo violentadas pelo espírito explorador e avassalador das empresas de mineração; suas terras sendo invadidas por tratores e equipamentos sofisticados. Não é esta a civilização que queremos. A nossa civilização sempre pautou seus ensinamentos pelo espírito comunitário, pelo espírito de quanto mais simples, mais importante. Mas, como no dizer do poeta Renato Russo, vimos um mundo doente.

As riquezas do subsolo indígena são dos índios e sua exploração deve, futuramente, passar pelo preparo do homem-índio, cujos royalties hoje nada significam. E, o que é pior, em nada ajudarão na melhoria de vida do homem branco trabalhador brasileiro. Que soberania é essa? Nossa ou das multinacionais?

(+) Marcos Terena, índio, é assessor para Assuntos Indígenas do Ministério da Cultura.